

Entre a Polônia e o Brasil

Histórias de família

Da Mazóvia ao Paraná: caminhos de uma história familiar

Família Miecoanski

Relato de Jean Felipe Miecoanski

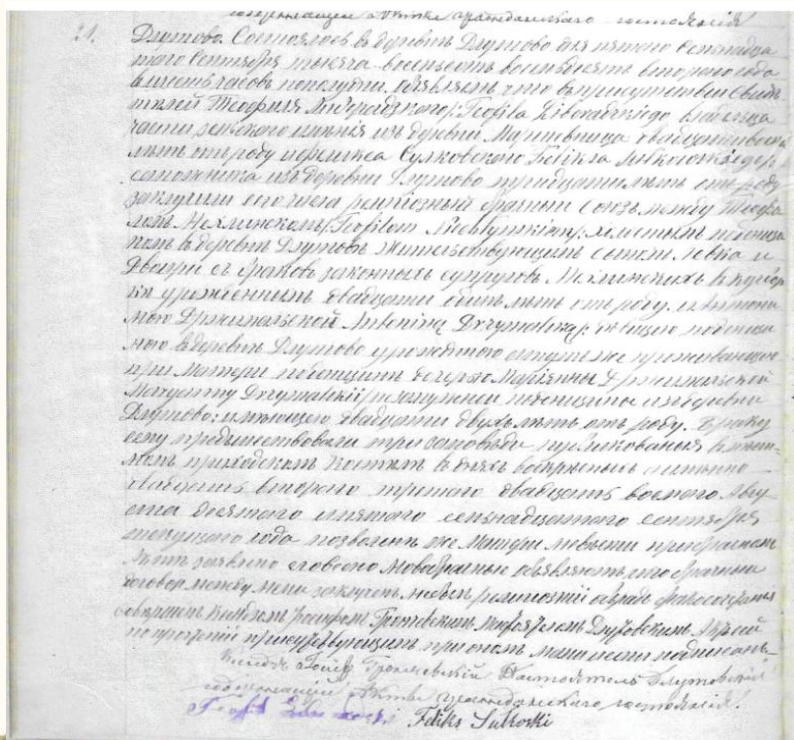
A história da família Miecoanski começou, até onde conhecemos, na região de Niechłonin, na Polônia, voivodia da Mazóvia (Mazowieckie), a cerca de 150 km ao norte da capital, Varsóvia. Antigamente, era comum os sobrenomes terem raízes nas profissões ou nas localidades de origem das famílias, o que sugere que o sobrenome original (Niechłański) deriva do nome da localidade Niechłonin (Niechłań-ski).

A Polônia tinha perdido a sua independência, estando dividida entre os impérios da Áustria-Hungria, da Prússia e da Rússia. Essa localidade específica, onde a família residia, estava sob domínio do Império Russo na época, motivo pelo qual a maioria dos documentos encontrados está escrita na língua russa.

A certidão de nascimento revela que Mejer Niechłański (meu trisavô) nasceu em Kuczbork, no dia 16 de fevereiro de 1861, antepassado que emigrou para o Brasil. Filho de Lewek Niechłański (em alguns documentos *Niechliński*) e Dwojra, pertencia a uma família judaica, era servente e trabalhador diarista.

Porém, a história dos judeus na Polônia no final do século XIX foi marcada por perseguições, restrições econômicas e de moradia, o que gerou emigrações em massa desse povo. Nesse contexto, os documentos revelam que Mejer se converteu ao cristianismo, sendo batizado em 1882, aos 21 anos, na localidade vizinha de Dłutowo. Nessa ocasião, também alterou o seu nome para Teófil.

Esse batismo provavelmente foi feito com a intenção de minimizar perseguições e também de permitir o seu casamento com Antonina Drzymalska, realizado no mesmo ano e na mesma localidade.



Registro do casamento de Teófil e Antonina (trisavós), em Dłutowo na Polônia.

Fonte: site metryki.genealodzy.pl



No ano seguinte, no dia 23 de fevereiro de 1883, nasceu na aldeia de Wylazłowo o seu primeiro filho, batizado como Adam (meu bisavô). Mas, como muitas outras famílias polonesas que emigraram para outros países, em busca de melhores perspectivas de vida, essa também foi a história de Teófil, que, sete anos após o nascimento de Adam, decidiu emigrar com a família para o Brasil.

Assim, a família embarcou no “vapor Berlin”, partindo da Antuérpia, na Bélgica, com destino ao Brasil. Chegaram ao Rio de Janeiro no dia 08 de novembro de 1890, conforme imagem a seguir (registros 20 a 26).

Os registros indicam que vieram sete pessoas da família, sendo os pais Teófil e Antonina (ambos com 30 anos), os três filhos Adam (7 anos), Joseph (4 anos) e Joahann (3 meses), a avó Marianna e um irmão de Teófil, chamado Stanisław.

Percebe-se nesse documento que ocorreram as primeiras alterações do sobrenome da família, estando escrito nesse livro como Michail em vez de Niechłański. Ao longo do tempo, surgiram outras variações nos documentos brasileiros como: Micoanski, Miechuanski, Micoanski, Miechlanski, Micuanski e Mikoanski.

Numeros	NOMES	Parentesco	Naturalidade	Profissio	Religiao	Eidade	PASSAGENS					Observ.
							1/1	1/2	1/4	1/8	Total	
1	Philipp Rilling	pai				43						2
2	Carloline	mae				42						
3	August	filho				5				2 1/4		
4	Ludwig Forme	pai				49						
5	Emilie	mae				47						
6	Maria	filha				8 1/2						
7	Berta	"				20						
8	Georg	"				12 1/2				4 1/2		
9	Jacob Schick	marido				37						
10	Leopold	mother				38				2		
11	Joseph Michajewsky	pai				38						
12	Wladimir	mae				22						
13	Wladimir	filho				14						
14	Wladimir	marido				18						
15	Wladimir	"				16				4		
16	Wladimir Scharsky	pai				32						
17	Wladimir	mae				25						
18	Wladimir	filho				3 1/2						
19	Antonina	"				20				2 1/4		
20	Therese Michail	pai				30						
21	Antonina	mae				30						
22	Joseph	filho				4						
23	Joseph	"				4 1/2						
24	Joseph	"				4						
25	Antonina	mae				63						
26	Stanislaw	irmão				24				4 1/2		
Transporte							18	1	4	3	19 1/2	
							11	2	3	2		

FT0800 OL.O.RPV.PRJ.4261

Registro de desembarque da família no Brasil. Fonte: Arquivo Nacional.

Após a chegada ao Brasil, segundo o registro da “Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores”, no Rio de Janeiro, eles ficaram hospedados no local em quarentena, do dia 11 ao dia 20 de novembro de 1890, quando partiram para Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. De Porto Alegre, foram para a Colônia Caxias, atualmente Caxias do Sul, e posteriormente se mudaram para Carlos Gomes, sendo uma das famílias pioneiras do município. Por volta de 1907, foram para Erechim.

Adão casou-se com a polonesa Miguelina Kosmareck em 1915, em Getúlio Vargas, Rio Grande do Sul. Dez anos depois, nasceu o seu primeiro filho, João Miecoanski (meu avô). Posteriormente, João e seus pais se mudaram para o sudoeste do Paraná, onde se estabeleceram em Francisco Beltrão.

A língua polonesa se manteve na família até a primeira geração no Brasil, a geração dos filhos dos imigrantes. Em razão das restrições impostas durante o governo de Getúlio Vargas, o uso e o ensino de línguas estrangeiras sofreram fortes limitações, e a língua infelizmente não foi passada à segunda geração, que é a geração do meu pai, situação comum em diversas famílias de imigrantes.

Mas, apesar disso, o meu pai, Adelar Miecoanski, valorizava a sua origem polonesa, e recordava com saudade os pratos típicos que comia quando criança, como o *pierogi* e a *czarnina*. Inclusive, até hoje fazemos *pierogi*, tradicionalmente na Páscoa e em dias de festa da família.

Meu pai tinha curiosidade de descobrir as origens de seus antepassados e visitar a Polônia. Além disso, o clima rigoroso do inverno polonês e as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes para chegar ao Brasil e nele se estabelecer eram assuntos de seu interesse e recorrentes em casa. Dessa forma, ele nos transmitiu o respeito por nossa ascendência polonesa, e a curiosidade sobre o país e nossas origens.

Compartilhando dessa motivação, e por iniciativa do meu pai, começamos a pesquisar a história da família por volta de 2008, há 18 anos. Naquela época, eu e meu irmão também começamos a estudar polonês e tomamos a iniciativa de tentar obter a cidadania. No entanto, não conseguimos encontrar muitos documentos e acabamos ficando sem grandes perspectivas.

Depois de um período de inatividade, há cerca de dois anos, reavivei o sonho de conhecer a Polônia, o que se concretizou neste ano de 2026. Com isso, ressurgiu também a vontade de estudar polonês, o que consegui fazer de forma remota, por meio do curso da Casa da Cultura Polônia-Brasil. Essa experiência também despertou o desejo de retomar a pesquisa sobre a história da família.



Visita à localidade de origem da família, na Polônia, em julho de 2026. Fonte: acervo pessoal.



Em 2026, retomamos a pesquisa sobre a história da família e, nesse processo, conheci um primo distante, Max Micoanski, que compartilhava do mesmo interesse.

Por meio de sua pesquisa e das informações que compartilhou comigo, consegui esclarecer muitas das dúvidas e preencher várias lacunas da história, como o local de origem na Polônia, o sobrenome original e a data de chegada ao Brasil. Essas descobertas foram muito emocionantes e gratificantes, pois resolveram um quebra-cabeça que há 18 anos meu pai e eu tentávamos decifrar, sem conseguir.

A partir disso, conseguimos ajustar o nosso roteiro da viagem para a Polônia, para visitarmos o local de origem da família. Assim, em julho desse ano, realizei outra parte desse sonho, conhecendo o país de origem dos nossos antepassados.

Experimentar os pratos típicos em seu local de origem, entrar em contato com a cultura, ouvir o idioma falado naturalmente e me comunicar em polonês, mesmo com meu conhecimento limitado do idioma, foram experiências fascinantes.

Mas o mais emocionante ainda foi conhecer a localidade de Niechłonin, de onde meu trisavô e meu bisavô saíram da Polônia, há 136 anos.

Por fim, espero que, na continuação dessa história, possamos descobrir ainda mais informações sobre as nossas raízes polonesas, e que os nossos laços com o país e a sua cultura sejam fortalecidos.

Jean Felipe Micoanski - j.felipem@yahoo.com

Realização:



Financiamento:



Apoio:

